

# “Todos no mesmo barco”

A ANTROPÓLOGA NORTE-AMERICANA,  
CHEIA DE VIDA AOS 76 ANOS,  
FALA DO HOMEM, DO FUTURO E DO MUNDO

por Claudio Bojunga

“Velha maldita”, vociferou anos atrás o governador da Flórida, Claude Kirk, quando soube que Margaret Mead, a mundialmente célebre antropóloga norte-americana, iria depor a favor de fumantes de maconha diante de uma sídua Comissão Senatorial de Inquérito. “Oh my darling Clementine”, entoam os mais venerandos anciãos da tribo iatmul, todas as vezes que o navio da dra. Mead atraca em algum porto da Nova Guiné. Afinal, miss “Market Mit”, como eles carinhosamente a chamam, é uma velha amiga que surgiu pela primeira vez nos mares do sul cinquenta anos atrás. E, desde então, essa “maldita” velha vem acompanhando tais povos primitivos na incrível e vertiginosa proeza de pular, em meio século, da Idade da Pedra para a Era Atômica.

Margaret Mead tem sido definida da maneira mais variada, pois, entre outras coisas, ela é antropóloga, humanista, professora da Universidade de Columbia, profeta, chefe do Departamento de Antropologia do Museu Americano de História Natural, guru de certa juventude americana, autora de vinte livros, alguns deles best-sellers (como seu primeiro, “Coming of Age in Samoa”, 1928), e todos eles respeitados pela comunidade universitária mundial. O fenômeno Mead ainda inclui em seu currículo um prolongado convívio com o professor Franz Boas, seu mestre e introdutor da moderna antropologia nos Estados Unidos, três casamentos, uma intimidade com aviões, barcos e todo tipo de transporte, a capacidade de irritar governadores e conservadores de toda espécie. Mais: ela tem ainda o domínio de sete línguas primitivas, uma curiosidade espantosa, a naturalidade em ninar uma criança manu ou iatmul como qualquer membro da tribo, e 76 anos, dos mais intensamente vividos que nosso tempo já testemunhou.

A dra. Mead está no Brasil há dez dias. Nesse curto espaço de tempo já falou à imprensa, por mais de nove horas seguidas, deu conferências, visitou mu-



Mead: “Meu assunto é o mundo”

seus, peregrinou por uma favela e já começou a participar dos trabalhos do Fórum Pan-Americano para Estudos da Adolescência, em curso entre os dias 26 e 30 de janeiro, em Salvador. Seu lema é de uma simplicidade comovente: “Meu assunto”, diz ela, “é o mundo”.

## Os índios, tratados como iguais

VEJA — *Fala-se cada vez mais, hoje em dia, na defesa das culturas primitivas. Por quê?*

MEAD — Porque se não formos capazes de defender todas as pessoas, não seremos capazes de defender nada. É como na discussão sobre “a triagem” — o processo de seleção dos feridos de guerra que devem ou não ser abandonados. Se dizemos “nada podemos fazer pelos índios, eles que morram de fome”, acabaremos dizendo “nada podemos fazer pelas pessoas de Massachusetts ou da Califórnia”. O que um país

faz com a parcela menos importante de sua população, ele acabará fazendo um dia com toda a sua população.

VEJA — *Seria possível preservar intacta a cultura dos povos primitivos?*

MEAD — Não se pode manter uma cultura intocável. Todos os povos que entram em contato com uma tecnologia mais avançada, com um conceito de Deus mais amplo, com um sistema político mais eficiente, querem mudar. A não ser que tenham sido desprezados e esmagados a um tal ponto que, em reação, eles retrocedam.

VEJA — *Qual seria a melhor forma de mudar?*

MEAD — Depende. Para começar, será preciso saber se eles querem mudar. Os ciganos, por exemplo, sempre se recusaram a alterar sua maneira de viver. Para os que desejam mudar, será necessário fornecer-lhes os instrumentos necessários à mudança. Eles devem ser respeitados, por mais estranhos e loucos que pareçam. Devem ser alfabetizados em sua própria língua. Precisam aprender a viver em casas, sentar em cadeiras. E, sobretudo, devem poder desenvolver as mesmas aptidões que os outros cidadãos.

VEJA — *A integração rápida poderia ser melhor do que a lenta?*

MEAD — Isso também depende. Pode ser. Existem rapazes originários da Nova Guiné que hoje são advogados — rapazes cujos tetravôs eram canibais. Por outro lado, um contato infeliz poderá criar dificuldades insuperáveis. Muitos dos indígenas da Nova Guiné adaptaram-se melhor ao mundo atual do que certos camponeses europeus, que até hoje se mantêm arredios. O importante é que o processo de aculturação não seja violento. O indígena deve ser tratado como um igual.

VEJA — *Existem situações paradoxais em nosso país. Alguns índios arredios, como os waimiri-atroaris da Ama-*

*zônia, olham fascinados para os enormes tratores que cortam suas terras para abrir estradas. Ao mesmo tempo, desprezam os presentes que os postos de atração da Fundação Nacional do Índio espalham pelas árvores. A Funai lhes parece pobre ao lado das motoniveladoras...*

MEAD — A atitude é compreensível. E, aliás, bastante semelhante à de muitos países em desenvolvimento, que também querem tratores, aviões e usinas nucleares...

## As botas, e o que vem junto

VEJA — *Os índios também ficam fascinados por botas, porque é extremamente difícil andar descalço pela selva. E querem as botas. Mas o que vem com as botas?*

MEAD — Isso é problema de vocês, brasileiros. Vocês é que decidirão. Quando os manus da Nova Guiné passaram a conviver com 2 milhões de soldados americanos, baseados no Pacífico durante a II Guerra Mundial, eles ficaram muito interessados nas tropas de negros — que, aliás, na época eram segregados —, porém se vestiam como os outros, comiam como os outros e eram pagos como os outros. E os manus disseram: “Os americanos transformaram os homens da África em brancos”. E os brancos tinham os tratores. A identificação nesse caso foi boa, pois, além do orgulho, os manus sentiram que, para obter o que os soldados tinham, precisavam modificar sua organização social. Claro, continuaram pescando à antiga, usando seus velhos materiais de construção, porém redesenharam suas casas e mudaram suas relações sociais.

VEJA — *Modificar a disposição das casas de uma aldeia para que ela se assemelhe a um acampamento militar não é uma caricatura?*

MEAD — Não, porque, além de construir cozinhas e varandas, eles aboliram seu sistema de relacionamento com os mais ricos que os exploravam. Cada indivíduo passou a trabalhar para si e o sistema de “dívidas vitalícias” (ficar devendo um favor a vida inteira) foi abandonado. A identificação sempre funciona bem se controlada pelos indígenas.

VEJA — *Dentro da atual política indigenista brasileira, os índios, mesmo os mais aculturados, são incapazes de direito. Além disso, adotamos a política das reservas para protegê-los. Porém essas reservas são constantemente invadidas e os índios dificilmente podem se defender. O que acha?*

MEAD — O sistema de reservas é, em princípio, um tratamento racista. É impossível isolar as pessoas numa área (independente do seu tamanho), tratá-las de maneira diferente dos outros cidadãos, e não construir um gueto. Claro, num período de transição, temos que impedir o acesso aos índios de pessoas que irão destruí-los — pelo menos até que eles estejam instruídos para lidar com estranhos. Mas o importante é que eles devem ser tratados como os outros cidadãos do país: a integração falha enquanto eles não têm acesso total ao país globalmente considerado. O sistema de reservas falhou em todos os países do mundo.

VEJA — *As reservas são geralmente atacadas pelos que as chamam de “zoológicos”. O exotismo do turista também não será uma forma de bloquear a mudança?*

MEAD — Se tirarmos a cultura do indígena abruptamente, ele morre. Porém o importante não é proteger a cultura, é proteger as pessoas que são essa cultura. A cada ano, 250 espécies de plantas, animais e culturas humanas desaparecem irremediavelmente. São necessárias dezenas de séculos para formar uma língua. E apenas alguns dias para destruí-la com alguns tratores. Todos os países do mundo devem compreender que estamos em 1977, e não em 1880 ou 1910. Os países jovens devem tirar alguma lição dos erros cometidos por países mais antigos, e construir uma nova ética. Todo país que tratar hoje seus indígenas como seres humanos dignos terá o apoio mundial.

VEJA — *Governos de certos países em desenvolvimento consideram essas preocupações como luxos de países pós-industriais. Na Conferência do Meio Ambiente, em Estocolmo (1972), alguns delegados desses países sustentaram que “a pior poluição que há é a miséria”. Qual a sua opinião?*

MEAD — Com esse tipo de argumentação o Quênia transformou-se num verdadeiro deserto. Trata-se de uma grossa justificação para o direito de reincidir nos mesmos erros. O que, aliás, é impossível: nem os recursos nem a tecnologia são os mesmos de 100 anos atrás. Os governos que persistem nessa política são aqueles que atribuem mais importância ao prestígio do que ao bem-estar de seu povo.

VEJA — *A antropologia nasceu com a era colonial. Em que condições ela poderia ser usada como um instrumento de dominação política?*

MEAD — Ela pode ser usada para tudo. Basta conseguir um antropólogo disposto a trabalhar para isso. Mas um

verdadeiro antropólogo não trabalha com dominadores.

VEJA — *Qual seria a contribuição da antropologia dentro da tarefa global de desenvolvimento de um país?*

MEAD — Na medida em que ela contribui justamente para o conhecimento de todos os aspectos humanos desse país. Na medida em que os antropólogos aprendem a escrever sobre seus próprios países, a despeito dos lamentáveis ensinamentos que seus avós lhes transmitiram. Na medida em que ensinam a respeitar as pessoas em todos os níveis. O importante é pensar em todos — a pobreza dos índios não deve, por exemplo, ser tratada diferentemente em relação à pobreza dos não índios. Isso seria uma outra forma de racismo. Falar apenas em índios pode ser, no Brasil, uma maneira de escamotear uma questão mais abrangente: a tarefa de acabar com uma sociedade que seja feita de ricos e pobres.

VEJA — *Os países que foram colonizados não gostam em geral de seu passado.*

MEAD — Mas, a menos que o aceitem, continuarão a mentir para si próprios por centenas e milhares de anos. Muitos países tentam fabricar um passado que não lhes pertence. Na Austrália, por exemplo, onde os primeiros colonos descendiam de prisioneiros degredados (ou de quem os vigiava), muitas pessoas gostam de dizer que seus ancestrais foram “prisioneiros políticos”. Bobagem. Ouça, a não ser que se encare o passado, não há futuro.

## Os velhos, e a outra vida

VEJA — *A atitude de desdém em relação aos velhos estaria ligada a um tipo de medo semelhante?*

MEAD — Os que negligenciam seus velhos, os segregam, são aqueles que morrem de medo de envelhecer — e que viverão dominados pelo pavor da idade e do amadurecimento. Como os americanos, que têm muito medo da morte. Mas será preciso perguntar: se os velhos se repetem, não será porque ninguém os ouve? Se os velhos ficam diante da televisão (a maneira mais rápida e tétrica de envelhecer), não será porque ninguém fala com eles? O importante é que, a menos que tenhamos velhos com quem possamos nos identificar positivamente, vamos passar a vida com medo da idade.

VEJA — *As culturas primitivas res- petariam mais seus velhos?*

MEAD — Nem sempre. Algumas os

abandonam. Outras os carregam longas distâncias, quando suas forças os abandonam. Os velhos esquimós dizem: não somos mais úteis, queremos morrer. Porém não encontramos numa cultura primitiva padrões de comportamento como os estabelecidos por Hitler. Primeiro porque essas comunidades são pequenas, e, quanto maior somos, mais mal (ou bem) podemos fazer. Em segundo, porque esses grupos não têm padrões de comportamento impessoais. Eles podem deixar alguém para trás, porque não podem carregá-lo ou porque não há mais o que comer. Contudo, nesse caso, deixam um pouco de comida para eles. E quando às vezes, um ano mais tarde, voltam àquele lugar, verificam que a comida sumiu. Foi talvez numa dessas ocasiões que as pessoas começaram a pensar na outra vida.

## O homem, um fruto da promiscuidade

**VEJA —** *Acha que os países em desenvolvimento estão excessivamente preocupados com problemas ligados a sua identidade nacional?*

**MEAD —** Para começar, não considero o Brasil um país "em desenvolvimento" como muitos outros países jovens. O Brasil é um país tão antigo como os Estados Unidos. Diria apenas que o Brasil não se desenvolveu tecnologicamente tanto quanto outros países. Quando aos países novos, houve uma assimilação de identidade à nacionalidade. Os americanos, por exemplo, não passam o tempo sendo americanos. Eles são universitários, operários, californianos, fazendeiros. E lembram-se de que são americanos apenas quando saem de seu país. Porém, países jovens e pequenos devem se esforçar constantemente para que seus habitantes se sintam parte da comunidade nacional. Pois eles estavam habituados apenas a pensar em termos de aldeias. Por isso, o período de construção nacional é sempre chovinista.

**VEJA —** *O que acha do conceito de Terceiro Mundo?*

**MEAD —** Uma bobagem. A idéia de estabelecer uma união entre o Kuwait, a Índia, o Zaire e as Ilhas Gilbert é uma enorme tolice. A tentativa de trancafiar pessoas e países elimina todas as diferenças regionais e nos incapacita de pensar. A não ser em termos de orgulho nacional, claro.

**VEJA —** *O que entende por "raça"?*

**MEAD —** O que chamamos raça é, na verdade, uma subspecie humana. Se nos misturamos é porque somos todos humanos, pertencemos todos à mesma

espécie — o que chamam de "raça humana". O homem é homem porque felizmente é promíscuo.

**VEJA —** *A senhora escreveu vários prefácios ao seu famoso livro ("Male and Female"/"Macho e Fêmea" — Editora Vozes), adaptando suas conclusões aos anos 50 e 60. Quais os principais problemas que apontaria na sociedade americana de hoje? Qual seria seu prefácio para os anos 70?*

**MEAD —** Os problemas americanos, atualmente, estão ligados ao padrão catastrófico de planificação das cidades: a construção desastrosa dos subúrbios, a formação de uma agricultura comercializada, a separação das pessoas em idades e sexos. Os jovens que nascem nas grandes cidades estão sofrendo, o sistema educacional está se esfacelando. Como já disse em meus livros, os jovens atuais se adaptaram a uma mudança histórica aceleradíssima e pagaram por isso o preço de sacrificar suas estruturas antigas. Todo indivíduo nascido antes da II Guerra Mundial é um imigrante que se desloca no tempo, como outros se deslocam no espaço. Agora, existem medidas urgentes a serem tomadas na sociedade americana: livrar-se da dependência do automóvel, dos caminhões, das estradas de cimento e asfalto. Voltar às estradas de ferro, ao transporte coletivo, criar mais densidade na população agrícola.

**VEJA —** *O que gostaria de estudar no Brasil?*

**MEAD —** Acho que os tremendos contrastes entre as diversas regiões e a maneira pela qual estes contrastes influenciam a política nacional. Lidar com essas diversidades ecológicas, históricas, econômicas. Estamos planejando, no quadro da Associação Americana para o Avanço da Ciência, um estudo global sobre o território americano. Um exemplo: quando a Marinha, depois de consultar seus computadores, chega à conclusão de que deve fechar uma determinada base naval porque ela "dá prejuízo", está destruindo uma parte do país, que depende da base para viver. Como solucionar essas situações? Nossos problemas são menores nesse sentido do que o de vocês, porque somos um país integrado pelas estradas de ferro. E o Brasil, como a Índia, é um país integrado pelo avião. Esses problemas são graves e têm sérias implicações: a China, por exemplo, um país que foi integrado por transportes fluviais, conheceu grandes dificuldades. Enquanto uma parte do país morria de fome, a outra tinha comida à farta. Gostaria de conhecer o fluxo de transporte aqui, saber como a vida está se "estandardizando" no Brasil.

**VEJA —** *A senhora defende uma macrovisão para a antropologia?*

**MEAD —** Incluo sempre uma série de padrões e realidades que envolvem e condicionam o homem. Quando alguns de meus estudantes foram para a África, ensinei-lhes algo sobre o sistema do serviço público britânico.

## A antropologia com suas lentes

**VEJA —** *Seus métodos nunca entraram em conflito com os métodos de seu mestre Boas?*

**MEAD —** Não. Só entro em conflito com pessoas que se esquecem de que os grupos que estão estudando não vivem isolados no mundo. O método ideal é o que chamamos de macroscópico: reduzir o muito grande em termos operacionais, sem perder de vista os detalhes. Como essas lentes que incluem o cenário inteiro e, ao mesmo tempo, são capazes de reproduzir nitidamente o que é minúsculo. Não acredito que basta recolher um mau material e colocar números para se realizar um trabalho científico. Há algo de específico na minha contribuição: tendo vivido tanto tempo e tendo começado a trabalhar tão cedo, consegui algo que nunca ninguém havia conseguido antes de mim: estudo uma aldeia há 48 anos. Já conheço a quarta geração dessa gente que pulou da idade da pedra para o mundo atômico — a mais rápida mudança que o mundo assistiu até hoje.

**VEJA —** *É pessimista ou otimista quanto à possibilidade de sobrevivermos?*

**MEAD —** Pessimista. Certa vez, nos anos 50, disse que deveria haver 50% de probabilidade de escaparmos a uma hecatombe nuclear. Hoje não sei. De qualquer forma, esses próximos 25 anos serão decisivos (e tenho um certo prazer de ver pela primeira vez um técnico em assuntos atômicos na presidência dos Estados Unidos).

O importante é que, se há quatro séculos a Europa desaparecesse, o mundo continuaria, pois havia grandes civilizações na América pré-colombiana. Os europeus apenas detinham os canhões e tinham cavalos, e só por isso as dominaram e destruíram. Se há um século toda a civilização ocidental desaparecesse, o mundo continuaria, pois a China garantiria isso com suas centenas de milhões de habitantes. Porém, hoje, a situação é muito diferente. Se uma das grandes civilizações desaparecesse, o mundo inteiro desaparece. Porque, hoje, estamos todos no mesmo barco.